
Entrevistas: breves reflexões sobre vínculos entre os “modos de fazer” no Jornalismo, na História e na Psicologia¹

Ludmila Rancan BISSOLI²

Maria Lívia de Sá Roriz AGUIAR³

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo, refere-se a uma pesquisa que se encontra na fase inicial de desenvolvimento e propõe uma reflexão sobre a dinâmica entre a entrevista jornalística e acadêmica, no caso desta última, com foco na metodologia utilizada pela história oral (ALBERTI, 2005), e, ainda que de maneira muito breve, também na Psicologia (RORIZ, 2020). A problemática de pesquisa se baseia em algumas questões fundamentais: como são abordadas as técnicas em cada tipo de entrevista, sobretudo na História e no Jornalismo? Quais são os processos empregados? Quais preceitos metodológicos orientam cada tipo de entrevista? E quais materiais são utilizados?

PALAVRAS-CHAVE: Entrevista; Jornalismo; História; Psicologia; Metodologia.

INTRODUÇÃO

A entrevista para todas as disciplinas consideradas neste artigo é ferramenta importante para revelar informações, opiniões, perspectivas e, no caso da história oral, memórias pessoais e biográficas. No jornalismo, as entrevistas geralmente são guiadas por pautas estabelecidas com base nos critérios de valor-notícia (Traquina, 2004). Na preparação e realização das entrevistas, os jornalistas entram em contato com os entrevistados durante a produção, a fim de descobrir informações relevantes que se encaixam na narrativa desejada. A técnica de reportagem adotada envolve a formulação

¹ Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da ECO-UFRJ, e-mail: ludmilarancanb@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação. Bolsista de Pós-Doutorado (CAPES/PNPD) do PPGCOM-UFRJ, e-mail: marialiviaroriz@gmail.com.

de perguntas principais para estabelecer o lide e traçar o perfil do entrevistado. A estrutura da entrevista jornalística visa à revelação de informações que possuem relevância imediata ou de grande impacto para o público.

Por outro lado, a história oral utiliza um método que procura explorar e registrar as memórias e experiências pessoais dos indivíduos, constituindo uma fonte de informação na construção de narrativas históricas (Alberti, 2005; Ferreira *at al.* 2000; Portelli, 2016). Esta técnica enfatiza uma abordagem mais reflexiva, em que as memórias dos entrevistados são expostas por seu ritmo, permitindo uma visão íntima e personalizada de eventos e experiências. As entrevistas dão espaço para os entrevistados se aprofundarem em detalhes.

Num texto em que procura estabelecer as diferenças entre a entrevista na história oral e no jornalismo, a pesquisadora Joelle Rouchou (2003), mostra também que as técnicas empregadas na história quando está em destaque a memória como documentação do passado (Barbosa, 2007) são diversas: há a História Oral de vida, a História Oral temática e a Tradição Oral. Na história Oral de Vida, a que destacamos nesta reflexão e na condução da pesquisa empírica, evita-se fazer perguntas ao entrevistado, dando ênfase ao que ele vai contar a partir de lembranças que se sobressaem naquele momento. Está em jogo, portanto, a questão do testemunho e o testemunho traumático possui outros tipos de relação que devem ser considerados (Seligmann-Silva, 2005).

Já a técnica adotada na Psicologia é outra. Em cada relação entre entrevistador e entrevistado - nesse caso, psicólogo e paciente - existem processos subjetivos envolvidos, com acesso a emoções do outro, a sua cultura, traumas e patologias. O terapeuta foca na escuta do paciente e naquilo que absorve do conteúdo. “A técnica da análise consiste na escuta do terapeuta, ato que parece simples, mas que no cotidiano da profissão compreendemos ser uma engrenagem de ações” (Roriz, 2020, p. 30). A teoria tem papel importante, mas a prática profissional é fundamental para desenvolvimento da técnica.

Para aprofundar a análise comparativa e relacionar o campo teórico escolhido com a metodologia a ser empregada, o estudo em andamento tem como público-alvo mulheres que recebem tratamento terapêutico no Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) Franco Basaglia, em Botafogo, no Rio de Janeiro. O estudo visa capturar suas memórias e experiências através do uso de técnicas de entrevista da história oral. O objetivo é entender os processos de preparação e realização das entrevistas na tradição da história oral, com o intuito de revelar as vidas, sentimentos e memórias dessas mulheres, levando em consideração questões como: quais são as suas memórias mais antigas? Como foi a sua infância? Qual é a relação com a sua família?

O artigo tem, portanto, como objetivo aprofundar a base teórica necessária para o desenvolvimento da metodologia de entrevistas em relação ao grupo que será escolhido. Não é nossa intenção nesta primeira etapa da pesquisa ainda a realização de entrevistas, mas apenas conhecer melhor as técnicas necessárias para a produção de entrevistas que serão governadas pela compreensão e responsabilidade no ato de ouvir o outro.

PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES (E DISTANCIAMENTOS)

Ao refletir sobre as aproximações e distanciamentos entre a entrevista jornalística e a história oral, inserindo brevemente reflexões sobre o ato da escuta também na Psicologia, busca-se estabelecer um diálogo de formas distintas, porém complementares, de práticas comunicativas. Além disso, ao aplicar a metodologia da história oral, pretende-se revelar uma visão mais rica e profunda das experiências, através da escuta de suas memórias.

Alexandre Portelli ao explicar a expressão "história oral" explica que, a rigor, trata-se de uma abreviação comum para aquilo que deveria ser nomeado como "uso de fontes orais na História ou nas Ciências Sociais" (Portelli, 2016, p. 9). Portanto, as narrativas orais e os testemunhos devem ser considerados como ferramentas adicionais no conjunto de fontes do pesquisador, mas como especificidades: são fontes para as quais questões relacionadas à memória, narrativa, subjetividade e diálogo constituem a chave de compreensão para o pesquisador (Portelli, 2016).

Ao contrário dos documentos históricos, por exemplo, em relação aos métodos históricos, como pontua Portelli, "as fontes orais não são *encontradas*, mas *cocriadas* pelo historiador" (Portelli, 2016, p. 10. Grifos do autor). Ou seja, é ele, o pesquisador, que irá escolher quem pode falar sobre aquele tema; e ele que seleciona quem vai falar e quem vai calar; é ele que produz o roteiro prévio sobre o que quer saber. Neste sentido, a aproximação com o jornalismo é evidente: também é o jornalista quem seleciona aquele que será fonte da notícia, por ter sido testemunha de um fato ou por se presumir que seja um especialista naquela matéria; e é também ele o jornalista que vai fazer as perguntas que, supõe, poderão complementar, esclarecer, informar, para tornar o texto que irá produzir o mais completo possível.

Mas há uma diferença fundamental. Quando o historiador italiano afirma que "a história oral, então, é primordialmente uma arte da escuta" (2016, p. 10), estabelece a distinção a partir da necessidade de produção do texto de maneira rápida e aquela que as entrevistas da história oral estão submetidas, em que há mais tempo para escutar, deixar

o sujeito da entrevista falar mais livremente, sem a pressão do *deadline* do jornalismo. No jornalismo, não há tempo, mesmo quando o produto é uma matéria mais longa, para deixar o outro falar tão livremente. As perguntas são direcionadas pela pressão do tempo e também do tema. No jornalismo, o direcionamento objetivo é crucial, enquanto nas Ciências Sociais, é da arte da escuta que pode aparecer alguma coisa que estava encoberta pelas próprias pressões que aquele tema pode ter tido no momento em que viveu aqueles fatos. Assim, enfatiza Portelli: "A história oral não diz respeito só ao evento. Diz respeito ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores" (2016, p. 11).

No jornalismo, o tempo destinado às entrevistas é, como já enfatizamos, ainda mais reduzido, devido às exigências das rotinas de produção nas redações. Essa duração varia conforme a especificidade da matéria, seu formato e a forma como será veiculada. Apesar dessas limitações, a entrevista deve abordar os aspectos factuais e, se possível, obter uma informação ainda não divulgada, no jargão jornalístico denominado "furo". Essa urgência em finalizar a matéria muitas vezes impede uma abordagem aprofundada nas entrevistas e a exploração de outras perspectivas além das escolhas já estabelecidas.

Enquanto os historiadores desfrutam de um tempo maior para a pesquisa, permitindo uma transcrição mais precisa do material em relação à realidade, palavras e eventos, o jornalismo está sujeito ao *deadline* e ao fornecimento constante de novidades. Além disso, embora o jornalista não deva alterar o conteúdo das declarações, a narrativa é editada e apresentada conforme critérios da chamada linguagem jornalística (Traquina, 2004).

O jornalista captura fragmentos de uma entrevista para matéria ou perfil em desenvolvimento. São raros os casos em que matérias são publicadas sem algum tipo de entrevista, por menor que seja. A construção ideal de uma notícia requer a escuta de múltiplas perspectivas sobre um mesmo evento. Para tanto, dois tipos de entrevistados são os mais habitualmente buscados: um especialista no tema em questão ou um personagem possa exemplificar como essas informações se manifestam na sociedade.

Mesmo sendo governada pelos "valores-notícias", conforme já destacado anteriormente, não há uma única maneira de se realizar entrevistas no jornalismo: as diferenças dos gêneros interferem na forma como será conduzida, na dinâmica de sua estruturação, entre outros fatores. De acordo com Edgar Morin (1973), existem quatro tipos de entrevistas: a entrevista-rito; a anedótica; a diálogo e as neoconfissões.

Ao definir cada uma delas, a partir da tipologia construída por Morin, Joëlle Rouchou, assim transcreve:

a entrevista-rito. "Trata-se de obter uma palavra, que de resto não tem outra importância senão a de ser pronunciada hic et nunc."; a entrevista-

anedótica. “Muitas, sem dúvida a maioria, das entrevistas de vedetes são conversas frívolas, ineptas, complacentes, em que o entrevistador busca a anedota picante, faz perguntas tolas sobre as fofocas e os projetos, em que o entrevistador e o entrevistado permanecem deliberadamente fora de tudo que possa comprometer. Esta entrevista se situa no nível dos mexericos.”; a entrevista-diálogo. “Em certos casos felizes, a entrevista transforma-se em diálogo. Este diálogo é mais que uma conversa mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade que pode estar relacionada à pessoa do entrevistado ou a um problema.”; as neconfissões. “Aqui o entrevistador se apaga diante do entrevistado. Este não continua na superfície de si mesmo, mas efetua, deliberadamente ou não, o mergulho interior” (Morin, 1973, citado por Rochou, 2003, p.5)

Rouchou enfatiza que na entrevista, como um dos instrumentos básicos do jornalista, do ponto de vista da sua ação/atuação, é preciso que ele tenha consciência da função e do valor de cada entrevista. A entrevista é mais do que uma simples técnica, já que através da divulgação do testemunho, aquele que entrevista tem responsabilidade sobre a divulgação das impressões de mundo daquele que fala no presente. Por outro lado, os textos produzidos pelo jornalismo se constituem em documentos a serem usados como testemunho das épocas históricas.

Entrevistas que envolvem processos traumáticos, por exemplo, influenciando diretamente na trajetória de vida das pessoas, sobreviventes de catástrofes, por exemplo, colocam em destaque como abordar as perdas e a resiliência humana, devendo ser produzidas entrevistas em que a humanidade é o fator principal na condução do trabalho jornalístico. Produz-se uma entrevista empática, em que a escuta ativa deve seguir determinados processos, em que escutar muitas vezes é mais importante do que perguntar.

Enquanto a História Oral promove debates que abrangem metodologia, dimensão teórica da entrevista e ética profissional, as reflexões sobre o jornalismo se concentram, na maioria das vezes, na técnica da entrevista. Mas, compreender a complexidade da entrevista exige uma imersão nas teorias da Comunicação, Psicologia, Linguística e Filosofia. Curiosamente, o aspecto metodológico não é uma obrigação nos currículos de Jornalismo, nem é debatido nos manuais de redação ou nas próprias redações. Rouchou (2003) questiona sobre como essa dinâmica da velocidade no trabalho jornalístico interfere até mesmo na consolidação de uma teoria sólida.

Desenvolver uma ética é crucial não apenas para lidar com indivíduos que se expõem, mas também porque as matérias jornalísticas muitas vezes se transformam em documentos históricos, como já apontamos, influenciando pesquisadores e deixando um

legado ao longo do tempo. Independentemente do contexto, manter um ouvido atento e sensível é indispensável.

A abordagem da História Oral proporciona uma escuta às vivências de um grupo, suas batalhas e significados. Sua metodologia destaca-se por ter um tema preestabelecido, conectando o ambiente acadêmico com o mundo exterior e, assim, permitindo que a própria comunidade construa sua narrativa histórica. A partir de suas teorias aprofundadas, desempenha papel essencial nas Ciências Humanas e Sociais.

Ao relacionar o biográfico com a questão das subjetividades contemporâneas, Leonor Arfuch (2010) enfatiza que as marcas da memória são sempre deixadas nas narrativas inscritas nas entrevistas, que podem se constituir num processo mais elaborado, segundo a autora, da própria preservação histórica. É assim que, para ela, em cada campo de ação (ciências sociais, ciências biológicas, ciências humanas) captamos com a memória e a percepção (definidos por ela como "órgãos de captação do material subjetivo") esse material que, assim, se torna "modo material, objetivo, concreto, permanente". E complementa:

Por sua vez, as ciências sociais se inclinam cada vez com maior assiduidade para a voz e o testemunho dos sujeitos, dotando assim de corpo e figura o 'ator social'. Os métodos biográficos, os relatos de vida, as entrevistas em profundidade delineiam um território bem reconhecível, uma cartografia da trajetória individual sempre em busca de seus acentos coletivos (ARFUCH, 2010, p.15)

De maneira ampla e sem maiores aprofundamentos, podemos dizer que na História Oral, os dados empíricos partem da memória, a partir da reconstrução de histórias de vidas. É uma metodologia que busca o movimento de ouvir o outro, mas com técnicas e interpretações teóricas. O objeto de pesquisa acontece a partir das trocas entre entrevistador e entrevistado.

BREVES APONTAMENTOS SOBRE A ESCUTA NA PSICOLOGIA

Os trabalhos de memória fornecem, segundo Maria Livia Roriz (2020) o material indispensável para que possa contar novamente sua história, quando a referência é a entrevista utilizada na Psicologia. Assim, segundo a autora, tanto na metodologia da história Oral como na clínica analítica a dimensão da memória é central. "Em ambos os casos, o ato declaratório de si mesmo abre possibilidades infinitas tanto para o pesquisador como para o analista" (Roriz, 2020, p. 28).

Lidar com essa subjetividade também faz parte da análise, mas diferente da História Oral e no Jornalismo, o analista não deve usar nenhum recurso além da memória, dos sentidos que acessam sua audição, visão, tato e olfato, todos os gestos que ocorrem. O uso de aparelhos de gravação, diferente das outras áreas que precisam registrar o conteúdo, é deixado de lado para que não seja uma maneira de inibir o entrevistado.

Seja na entrevista jornalística, na História Oral ou na Psicologia, a questão da memória aparece, pois, como objeto reflexivo principal. Afinal, não seria possível acessar lembranças e se aprofundar nas vivências individuais sem que o entrevistado as compartilhe. Para Freud (1914), recuperar as memórias não se trata de trazer à tona uma cópia do passado, e sim alguns traços do que é enunciado a partir da consciência. Não somos capazes de lembrar de tudo, ainda assim, o que é esquecido também é importante, visto que faz parte do inconsciente. Na psicanálise freudiana, é recuperada a ideia de “repetir, recordar e elaborar” (Freud, 2014). Durante a análise, o terapeuta não precisa se recordar de todo conteúdo, já que o analisando repetirá suas memórias no decorrer das sessões, possibilitando com que o terapeuta relembra a partir de associações, com tempo de escuta livre (Roriz, 2020). Por isso a análise demanda encontros semanais contínuos, diferente da História Oral, em que as entrevistas são objetivas e com encontros estabelecidos.

Para alguns autores, falar sobre memórias é constituir o passado no presente, através da reconstrução de acontecimentos por percepções individuais (Halbwachs, 2006; Candau, 2011). Joël Candau entende que as identidades coletivas são formadas por meio das memórias: os indivíduos (e os grupos) escolhem os repertórios que definem suas representações, crenças e mitos históricos.

Maurice Halbwachs, herdeiro da sociologia francesa, reflete sobre a perspectiva da memória a partir do campo das Ciências Sociais. Para ele, a memória não faz parte apenas da esfera individual, pertencendo aos grupos e à sociedade como um todo (2006). Assim, compreende a memória como algo coletivo, compartilhado por todos. Nessa visão, parte da memória individual é formada pelo contexto social. O ambiente sociocultural molda a memória individual, fundada no grupo ao qual se pertence, com a linguagem atuando como elo dessas lembranças. Esse sistema simbólico e cultural imprime sua marca naquilo que conceitua como memória coletiva Halbwachs, 2006)..

Formam-se, pois, quadros sociais que contribuem para a formação das memórias coletivas dos grupos, reforçando os sentimentos de identidade. Halbwachs enfatiza que essa formação não é um ato de imposição, mas sim uma construção afetiva de um grupo, podendo gerar uma memória coletiva, que pode se transformar também numa memória

histórica/nacional. Mas a construção dessa memória requer um ponto de contato entre os indivíduos, possibilitando uma negociação constante entre memória individual e coletiva.

Por outro lado, lembranças de traumas e tragédias muitas vezes podem redundar num esquecimento coletivo, ainda que se deva considerar diferentes formas de esquecimento, como o silêncio, ausência de comunicação, desarticulação, apagamento, erosão, repressão (BARBOSA, 2007). Pollak (1989), por sua vez, ressalta que o silêncio surge como reação aos eventos traumáticos, carregando lembranças que anseiam por serem enunciadas. Esse silêncio também é objeto de análise no âmbito clínico. Em essência, toda memória é moldada por um enquadramento, não sendo mera construção arbitrária, e nesse processo existe fronteira separando o confessável do inconfessável. O silêncio, contudo, não é apenas um vazio; ele é influenciado por fatores como a falta de escuta, sentimentos de culpa e o medo de punição em relação ao que pode ser dito.

A memória social e a memória coletiva desempenham papéis fundamentais na construção da identidade cultural, como já assinalamos, a partir das conclusões de Joël Candau (2011). Para Halbwachs (2006), enquanto a memória social diz respeito a toda a sociedade, a memória coletiva é específica de determinados grupos. Mas, o meio social exerce influência sobre a memória individual, moldando a forma como as lembranças são percebidas e compartilhadas.

Na sua reflexão sobre as aproximações e os distanciamentos do ato de entrevistar na Psicologia e por pesquisadores das Ciências Humanas e Sociais, Roriz afirma a um ponto em comum que atravessa todas as técnicas: a vida humana. Em todos as metodologias empregadas "são narrativas de vida" que atravessam o ato de contar história. "E com essas vidas, seus elementos constitutivos: memória, identidade, narrativa, escuta, silêncio, transferência, recalque etc. São esses processos que habitam as entrevistas. Cada qual com sua particularidade, seus distanciamentos e aproximações" (Roriz, 2020, p. 41)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo objetivou produzir reflexões sobre as dinâmicas das entrevistas jornalísticas, acadêmicas (particularmente as utilizadas na História Oral) e suas conexões com a Psicologia. A pesquisa abordou questões relacionadas às técnicas empregadas em diferentes tipos de entrevistas, destacando as nuances metodológicas presentes em cada abordagem.

A entrevista, ferramenta importante em diversas disciplinas, é empregada para extrair informações, opiniões, perspectivas e, no caso da história oral, memórias pessoais e biográficas. Ao analisar a história oral e suas relações com o Jornalismo e a Psicologia, buscou-se compreender como diferentes práticas convergem e divergem a fazer da entrevista a ferramenta metodológica prioritária.

A história oral revela uma perspectiva mais profunda das experiências dos grupos sociais, a partir da fala de indivíduos inseridos nesses grupos, enquanto o jornalismo prioriza a urgência e a objetividade. A reflexão sobre a ética, a memória e o processo de escuta ativa fazem parte para a compreensão das entrevistas em todos seus contextos. Assim, o artigo busca compreender, ainda que de maneira inicial, a base teórica necessária para a condução das entrevistas, estabelecendo diálogo entre diferentes abordagens de práticas comunicativas.

No jornalismo, as entrevistas seguem pautas que priorizam critérios de valor-notícia. A preparação e realização das entrevistas jornalísticas são influenciadas pela urgência das redações e pela necessidade de informações impactantes. Em contraste, a história oral adota uma abordagem mais reflexiva, capturando as memórias e experiências pessoais. As entrevistas permitem que os entrevistados se aprofundem em detalhes, proporcionando uma visão íntima dos eventos e experiências.

Na Psicologia, a entrevista é utilizada como ferramenta essencial para o terapeuta acessar as emoções e memórias do paciente. O foco está na escuta ativa e na absorção do conteúdo compartilhado pelo paciente, envolvendo processos subjetivos e a experiência prática do analista. A entrevista é uma janela para experiências e memórias. A relação entre memória social e coletiva também foi brevemente referenciada, bem como a questão do esquecimento. Há que se pensar que seja ele explicitado através do silêncio ou da repressão, também molda a memória coletiva, principalmente nos traumas coletivos. Nesses casos, a entrevista necessita de escuta cuidadosa, atenta ao entrevistado e a delicadeza ao realizar perguntas.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010
- BARBOSA, Marialva. **Percursos do olhar**. Comunicação, Narrativa e Memória. Niterói: EDUFF, 2007.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

-
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria e ALBERTI, Verena (orgs.) **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC - Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- FREUD, Sigmund. Repetir, recordar e elaborar (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1969
Edição Standard Brasileiras das **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. XII.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.
- MORIN, E, A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham et alii.. **Linguagem da cultura de massa**. Petrópolis. Vozes, 1973.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- RORIZ, Maria Livia. Escutando o outro: aproximações e distanciamentos nas histórias de vida e na clínica. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 9, n. 2, p. 27-42, jul/dez. 2020.
- ROUCHOU, Joëlle. Entrevista na história oral e no jornalismo. Trabalho apresentado no **XXII Simpósio Nacional de História** (ANPUH). João Pessoa, 2003.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Testemunho e política da memória: o tempo depois das catástrofes. São Paulo: **Projeto História** (30), p. 71-98, jun. 2005.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2004.